

1. Introdução

“Todos os livros se aproximam de quem os ama. E os bichos, dos que a eles se afeiçoam.”
(Carlos Nejar, 2003)

A motivação para pesquisar sobre historiografia literária se relaciona intimamente com a minha trajetória acadêmica, como graduada em Letras e em História, cujos questionamentos são importantes na investigação ao qual me proponho nessa dissertação. A seguinte citação de Nietzsche tem sido um *leitmotiv* para as indagações que enfrento cada vez que tenho de lidar com os textos da pesquisa:

A nós filósofos, não nos é dado distinguir entre corpo e alma, como faz o povo, e menos ainda diferenciar alma de espírito. Não somos batráquios pensantes, não somos aparelhos de objetivar e de registrar, de entranhas congeladas – temos de continuamente parir nossos pensamentos em meio a nossa dor, dando-lhes maternalmente todo o sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós (NIETZSCHE, 2012, p. 12).

Nietzsche ilumina uma questão sempre presente nos meus estudos: por que quando eu estudei História enquanto disciplina e ciência, não conseguia ver a alma, a vida que pulsava nos diversos contextos culturais e temporais com que lidei durante a graduação? Que tipo de ciência é essa que torna a pesquisa sobre as realidades passadas tão cansativas e desmotivadoras? Ao historiador fora reservado esse papel de “aparelho de objetivar e de registrar, de entranhas congeladas” que acaba por tornar a História uma ciência sem prazer e sem sentido fora das instituições acadêmicas.

Já nos Estudos Literários pude perceber o fervor com que alguns professores, teóricos e mesmo leitores lidavam com aquilo que é considerado, por muitos, mero fruto da imaginação. Quem nunca chorou ou se surpreendeu ao ler um livro? Acompanhou com interesse as venturas e desventuras de determinado personagem cuja existência se restringia a alguns punhados de papel? Enquanto isso, na História, mesmo sabendo que suas conclusões se pautam em uma pretensa correspondência com a realidade empírica, poucos foram os textos em que a afetividade e o entusiasmo se mostravam pertinentes na construção do conhecimento histórico. Barthes, nesse sentido, afirma:

Sei, por exemplo, que muitas proposições de Michelet são recusadas pela ciência histórica; isso não impede que Michelet tenha fundado algo como a etnologia da França e que, cada vez que um historiador desloca o saber histórico, no sentido

mais largo do termo e qualquer que seja seu objeto, nele encontramos simplesmente: uma escritura (BARTHES, 2004, p. 21-22).

É essa preocupação com a escritura que move a minha reflexão sobre a construção do conhecimento histórico (literário) na contemporaneidade. Contudo, é necessário fazer uma ressalva antes de prosseguir. Diferentemente desse autor e de vários pensadores que hoje em dia estão em voga, acredito que mesmo a escritura tendo papel fundamental na construção do texto histórico, o seu saber se caracteriza também por inúmeras convenções metodológicas e analíticas, assim como na crença na possibilidade de que através de indícios do passado, o historiador, partindo de suas próprias questões, construa uma perspectiva acerca das realidades passadas.

Entretanto, ao me aproximar da historiografia literária como campo de estudo, outras questões se mostraram importantes na reflexão sobre a História no tocante à escrita utilizada para se legar o conteúdo construído. Os pressupostos sustentadores desse campo de estudo ainda eram aqueles construídos no século XIX, pressupostos defasados em relação ao pensamento teórico corrente tanto na História quanto nos Estudos Literários. Esse se torna um dos motivos para que a História Literária tenha sido praticamente abandonada, como é possível notar em títulos como: “Shall We Continue to Write Histories of Literature?” (2008) e “History of Literature, Fragment of a Vanished Totality?” (1985), de H. U. Gumbrecht; *Is literary History Possible?* (1992), de D. Perkins, “História literária: um gênero em crise”, de Paulo Franchetti (2002); e o texto manifesto dessa crise, *A história da literatura como provocação à teoria literária* (1967), de H. R. Jauss. Mais que uma crise, a disciplina teve a sua função e a sua validade completamente questionados. Aconteceu na historiografia literária o mesmo que aconteceu na historiografia em geral: ela acabou com o prazer e a força do texto literário, tornando-o meramente um pretexto para se decorar determinadas características tidas como importantes em contextos históricos específicos.

Tal abandono foi decorrente, entre outros fatores, de questionamentos relativos aos aspectos teóricos, epistemológicos, metodológicos e analíticos norteadores dessa disciplina, criando-se um descompasso entre as posições teóricas – surgidas a partir de indagações presentes tanto da História quanto dos Estudos Literários – e a prática de escritas de historiografia literária. Ou seja, houve uma abertura tanto na História quanto nos Estudos Literários sobre seus

estudos, enquanto a prática de historiografia literária continuava no mesmo modelo de escritura épico-narrativo em que se enumeravam os “heróis” das literaturas nacionais em busca de uma explicação evolucionista dos aspectos literários, sem incorporar as modificações ocorridas no campo das Humanidades. No âmbito dos Estudos Literários, houve um afastamento do condicionamento histórico em contraponto com a consolidação da Teoria da Literatura, uma vez que as proposições mais tradicionais não levaram em consideração as novas formas de se lidar tanto com o sistema literário.

Outro fator para os questionamentos da historiografia se refere ao *status* cognitivo da História, ou seja, como se produz conhecimento nessa disciplina, partindo do interesse crescente sobre a narratividade e a linguagem utilizadas para legá-lo. Como demonstra a teórica argentina Verónica Tozzi (2009):

a partir de los 70, la noción de explicación, como concepto clave para dar cuenta del *status* del conocimiento histórico, es desplazado por el de narración. La pregunta por la estructura adecuada de las explicaciones dadas por el historiador es reemplazada por la cuestión del *status* epistemológico de los relatos históricos. Es decir, la pregunta por la racionalidad o no de las explicaciones dadas por el historiador es abandonada en favor de la pregunta por el realismo o no de las narración historiográficas (TOZZI, 2009, p. 20-21).

Ou seja, principalmente a partir da virada linguística e da virada histórica, questiona-se o realismo do conhecimento histórico, que passa a ser entendido como um discurso, uma narração das realidades passadas.

Estas indagações favoreceram, por seu lado, um novo interesse pela História Literária e estimularam uma reabertura na discussão a partir da segunda metade do século XX (CESERANI, 2013)¹. Contudo, além do interesse teórico, essas discussões tiveram como resultado o encorajamento da produção dos mais variados experimentos de histórias literárias alternativas aos modelos tradicionais. Tal revitalização se torna imprescindível principalmente ao se levar em consideração a centralidade que a historiografia literária ainda possui no cenário brasileiro. Apesar de todas as críticas, a disciplina ainda é central na produção de conhecimento no contexto escolar e acadêmico como forma de organizar seus estudos. Além disso, partindo do estudo feito por Erika Mathias (2010) sobre os Encontros da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) em que ela analisa os trabalhos publicados entre 1988 e 2006 – percebemos como as pesquisas situadas dentro do subsistema de historiografia literária estão entre os

¹ Texto no prelo.

mais populares, corroborando para a afirmação de sua importância nos Estudos Literários.

Remo Ceserani, em seu livro *Raccontare la letteratura* (1990), faz uma importante sistematização da longa crise pela qual a historiografia literária passou nas últimas décadas. Citando de T.S. Eliot a Benedetto Croce e René Wellek, ele demonstra como, no contexto atual, o retorno ao interesse pela História Literária traz como marca a mudança de uma análise formal para o conteúdo social da literatura: "Partivano dalle analisi formali - e nedavano per scontati i risultati raggiunti - per muoversi, di nuovo, in direzione dei contenuti sociali della letteratura" (CESERANI, 1990, p. 16). Contudo, autores como Paulo Franchetti (2002) consideram que esse campo perdeu sua funcionalidade com a queda do "nós' nacional". Já não haveria mais a necessidade de se construir a imagem de uma literatura nacional forte porque a própria ideia de nação fora questionada e, nesse sentido, a historiografia literária teria o seu fim decretado (FRANCHETTI, 2002). Outros teóricos reafirmam a importância da historiografia literária, ressaltando apenas a necessidade de uma revisão de seus pressupostos e de suas análises, como é o caso de Jauss (1967) e a sua proposta de historiografia literária centrada no receptor. David Perkins, nesse mesmo debate, argumenta que a função dessa disciplina é aumentar o prazer na leitura e evitar a cristalização do passado, ou seja, a História Literária "keep the past alive, to make it a part of present consciousness" (PERKINS, 1992, p. 185). Nesse sentido, ele afirma que "a function of literary history is, then, to set the literature of the past at a distance, to make it otherness felt" (p. 185), mantendo a sua importância, só que com outras funções, no contexto contemporâneo.

Um dos questionamentos mais instigantes desse debate foi o proposto por René Wellek: "Is it possible to write literary history, that is, to write that which will be both literary and a history?" (*apud* CULLER, 1976, p. 259). A relevância dessa indagação está na necessidade de se repensar na escrita dessas histórias, de repensar na forma com que o conhecimento histórico (literário) é construído. E, nesse sentido, se na paradigmática obra de Aristóteles, *Poética*, partia-se do pressuposto de que "não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa" (ARISTÓTELES, 1973, p. 451), o pensamento teórico em geral passou a reconhecer a importância que tem se os textos estão em prosa ou verso, se são narrativos ou ensaísticos.

Partindo desse cenário, elegi três experimentos que estão atentos para esses questionamentos no campo de historiografia literária. São eles: *A New Literary History of America* (2009), organizado por Greil Marcus e Sollors Werner; *A New History of German Literature* (2004), editado por David Welberry; e *A New History of French Literature* (1989), editado por Denis Hollier, que têm como um de seus objetivos em comum capturar e encantar também o leitor não especializado, aquele que se interessa pela literatura através do prazer, da curiosidade, da informação e do entretenimento. Para tal, modificaram a sua forma de organização escrita em prol de uma produção teórica mais acessível e mais interessante. Outro ponto de contato: esses três experimentos possuem um caráter coletivo na sua elaboração, reunindo diversos ensaios de variados pesquisadores das mais diferentes áreas em torno de temas interessantes tanto para o sistema literário quanto para a produção cultural em geral. Nesse sentido, segundo a definição de David Perkins, ambos os textos se enquadram no que o teórico chama de “enciclopédia pós-moderna”, que se opõe à tradicional forma de escrita narrativa, ao analisar as diferentes formas de organização. Ressalta-se, contudo, que “they are not opposites, since narrative is a way of combining events, while encyclopedic is a way of arranging essays to make a larger work” (p. 53). Ou seja, essa dicotomia proposta por Perkins – entre forma narrativa e forma enciclopédica – apresenta duas alternativas para se lidar com a construção do conhecimento histórico, embora uma não exclua a outra, principalmente ao analisarmos esses três experimentos e percebermos que muitos dos ensaios reunidos possuem essa marca narrativa.

Além desses critérios – a peculiaridade em relação ao público alvo e o caráter coletivo dessas escritas – para a escolha desse *corpus*, eles possuem em comum a sua publicação pela *Harvard Press*. Com isso, percebe-se que houve um interesse em publicar esse tipo de experimento a partir do sucesso de recepção obtido pela primeira historiografia dessa série, a *A New History of French Literature* (1989). Além disso, é perceptível como esses três experimentos, mesmo com suas idiosincrasias, referenciam-se entre si, cada um apontando no outro as suas aproximações e suas divergências. E nesse sentido, mais uma vez *A New History of French Literature* é a referência primeira dessa forma alternativa de conceber e de se construir historiografia literária.

O objetivo dessa dissertação é analisar quais as estratégias utilizadas nesses três textos para encantar o seu leitor e cumprir com o que é prometido em suas introduções. Ou seja, analisar o que esses três experimentos prometem e como realizam a tarefa ao qual se propuseram. E, como a produção do conhecimento em História (literária) pressupõe a existência de uma escrita, sendo esse o material com o qual o leitor terá contato para satisfazer a sua curiosidade sobre as realidades do passado (literário), foco-me nas configurações escriturais desses experimentos. Ou seja, privilegio a análise da *grafia* inerente a toda História Literária como parte de extrema relevância para a sua constituição.

Dessa forma, o objetivo específico será analisar quais foram os questionamentos teóricos, analíticos, epistemológicos e metodológicos que propiciaram um novo olhar sobre a escrita de História Literária. Para tal, analisarei as introduções desses três livros, que também podem ser entendidos como seus manifestos teóricos, assim como alguns dos ensaios dessas coletâneas, esclarecendo quais são os modelos tradicionais aos quais esses experimentos se afirmam como alternativa. Ou seja, quais são os impasses teóricos, epistemológicos, analíticos e metodológicos que encorajaram a produção desses experimentos de histórias literárias em um contexto crítico-teórico no qual a sua produção parecia esgotada e sem propósitos.

Para analisar esse *corpus*, parto de alguns fundamentos teóricos que me auxiliaram a perceber como a questão da escrita aparece nesses três experimentos que serão analisados. Como ponto de partida para a inserção desses questionamentos no campo da historiografia literária, acredito ter sido relevante pensar nas viradas linguística e histórica, analisadas com mais detalhes ao longo da dissertação. A escolha por esses dois eventos se dá pela importância que eles chamaram para a configuração escritural na elaboração do conhecimento.

É preciso ressaltar alguns fatores. O primeiro é que, mesmo sabendo da relevância da escrita na produção do conhecimento histórico, esse campo não se restringe apenas a isso. Nesse sentido, alinho-me a perspectiva fundada por Michel de Certeau, para o qual há uma operação historiográfica como pressuposto da *epistême* na História. A relação do homem com a realidade é mediada pela escrita, mas não se restringe apenas a isso. Nessa perspectiva, a minha investigação parte do princípio de que o discurso histórico é diferente da ficção literária. A atenção dada nessa dissertação para a linguagem e a escrita não

invalida o pressuposto de que a História constrói conhecimento também a partir do uso de metodologia própria. Não posso me enquadrar em uma perspectiva que una as duas formas de se lidar com a realidade por uma razão bem simples: fui historiadora e conheço os meandros da prática historiográfica. Sei das várias interdições com as quais os historiadores têm de lidar para ter sua pesquisa legitimada.

Outro fator importante é a crença que o conhecimento histórico surge a partir de uma operação que envolve tanto o lugar de origem desse pesquisador (e essa é a justificativa para essa introdução quase auto etnográfica, segundo a proposta de Versiani, 2010), quanto o respeito às regras da disciplina e da escrita. Ou seja, alinho-me a uma perspectiva construtivista do conhecimento, cujo pressuposto

é a noção de processo de construção (do conhecimento e de todos os elementos circunscritos à realidade) como determinante para a existência humana. O resultado desta postura é a tematização do espaço de nossas consciências como sendo correspondente ao que fazemos com as experiências vividas. O Construtivismo Radical lança um olhar desconfiado para o dualismo cartesiano e questiona a aparente cisão entre descrição e objeto, mundo objetivo e experiência subjetiva (OLIVEIRA, 2010, p. 16).

Sou uma “observadora” que procura construir sentidos e significados através de um horizonte conceitual previamente estabelecido.

Nesse sentido, no primeiro capítulo dessa dissertação, refletirei especificamente sobre a historiografia literária e sobre como o meu *corpus* se insere nesse campo de estudo. Através da leitura e análise dos debates teóricos presentes na área, apresentarei o modelo básico de escrita de história literária, pois acredito que assim será mais fácil visualizar as inovações propostas nesses três experimentos. Nesse capítulo ficará latente como, apesar de todas as mudanças decorrentes de inúmeras revoluções paradigmáticas, a historiografia literária tradicional permaneceu praticamente inalterada até meados do século XX, quando há uma reaproximação a esse campo, emergindo alternativas de escrita que se alinham a essas transformações. Esse capítulo se centrará sobre o descompasso existente entre as teorias contemporâneas e as práticas de historiografia literárias tradicionais.

Contudo, além das indagações advindas da historiografia literária, avalio os questionamentos existentes nos dois grandes sistemas envolvidos nesse campo:

a História enquanto disciplina e o sistema literário. Como aponta o teórico Hans Ulrich Gumbrecht,

a relação entre os conceitos de ‘história’ e ‘literatura’ tem uma história; a gênese do conceito de ‘história da literatura’ e as visões da ‘história da literatura como sintoma, parte, ou fragmento da ‘história’ formam um capítulo das fases mais recentes dessa história de inter-relações. (GUMBRECHT, 1996, 223).

Nessa esteira, os dois capítulos subsequentes serão dedicados a cada um desses elementos e como seus aparecimentos propiciaram a emergência desse campo em que se enquadra esse estudo.

No capítulo dedicado a analisar as transformações ocorridas na História, ressalto como uma das contribuições fundamentais para o questionamento da História a conscientização de que a construção do conhecimento acerca do passado não depende apenas do respeito às regras e às metodologias aceitas como norteadoras, mas igualmente à sua forma escritural (CHARTIER, 2002). Nesse sentido, são analisados os conceitos de representação e apresentação como fundamentais para se pensar na construção de conhecimento nessa área, assim como analisar algumas perspectivas sobre a construção de conhecimento tendo por base seus modelos narrativos e estruturais.

No terceiro capítulo, dedicado à análise da visão do sistema literário presente nesses três experimentos, ficarão bem claras as mudanças no seu entendimento nos Estudos Literários, mas que ainda não se concretizaram na historiografia literária tradicional, decorrentes da abertura no sistema literário e no modo com que o estudioso literário lida com ele. Nesse mesmo capítulo, será de fundamental importância tratar sobre a seleção dos textos que serão analisados dentro desses três experimentos, não só pela expansão na concepção de literário, mas também pela visão que esses autores compartilham sobre a tarefa de selecionar os textos dignos de figurarem em uma historiografia literária. Assim, ficará claro também a discussão referente ao cânone literário.

Após esse panorama mais teórico, no quarto capítulo será feita uma análise mais detalhada do *corpus* selecionado, apontando em que medida esse cenário teórico influenciou na escrita desses textos. Essa parte da dissertação será dedicada à análise das introduções e de alguns ensaios selecionados aleatoriamente de cada um desses experimentos a fim de justificar a escolha da estrutura “enciclopédica” na forma escrita. Através dessa análise e percebendo a necessidade de modificação na estrutura dessas historiografias literárias, também

será objeto de reflexão as funções que esses experimentos se propõem e como as suas formas de escrita contribuem para que elas se concretizassem, pelo menos no campo teórico. Para me auxiliar nessa reflexão, levarei em consideração alguns postulados advindos da Teoria da Arquitetura sobre a relação entre função e forma e sobre a “arquitetura da complexidade e da contradição” postulada por Robert Venturi (2006). Acredito ser de capital importância recorrer a esse campo que já reflete sobre o tema desde o seu fundamento, quando na Historiografia (literária) ele ainda é motivo de discussões. Ressalta-se, mais uma vez, que o foco será no que esses experimentos prometem e como eles pretendem realizar essas propostas.

Na conclusão, pretendo sintetizar algumas de minhas hipóteses, apontando para dificuldades encontradas, principalmente em estabelecer os critérios para saber se eles cumprem as propostas proclamadas nas suas introduções teóricas. Ressalto que não pretendi analisar se conseguem fazer o que proclamam, mas as suas propostas teóricas e a escrita utilizada no intuito de atingir o público em geral, não especializado.

A cada momento da pesquisa, muitas nuances aparecem. São questões filosóficas pertinentes a esse campo de estudo e que nos fazem questionar não só o modo como pesquisar, mas o modo com que lidamos com nossa pesquisa, além de refletir sobre mundo ao nosso redor. Não tenho o talento de grandes teóricos, cujas palavras nos encantam e nos ensinam ao mesmo tempo. Mas, meu objetivo é demonstrar como esse tipo de escrita é possível e aceitável dentro da historiografia literária. Retomando Nietzsche:

AO MEU LEITOR

Bons dentes e bom estômago –

Eis o que lhe desejo!

Se der conta de meu livro,

Certamente se dará comigo! (NIETZSCHE, 2012, p. 45)

Essa dissertação tem muito das minhas (falta de) reações como leitora do sistema literário, da História e das Histórias Literárias. Nela, analiso os três experimentos e o efeito de encantamento que pretendem produzir e, como aponta Marcello de Oliveira, conhecer é construir e experimentar a realidade (2010, p. 16). Esse é o pressuposto desse trabalho e também do *corpus* analisado. Resta refletir como isso foi feito, tarefa ao qual me dedico nos próximos capítulos.